

ARARUANA  
E LIURĒ DAS RAÍZES

IAN FRASER



# ARARUAHĀ

◊ LIUR◊ DAS RAÍZES

IAN FRASER

ILUSTRAÇÕES DE  
PAUL◊ TORINHO

© Moinhos, 2018.

© Ian Fraser, 2018.

*Edição:*

Camila Araujo & Nathan Matos

*Revisão:*

LiteraturaBr Editorial

Renata Brito

*Diagramação e Projeto Gráfico:*

LiteraturaBr Editorial

*Ilustração & Capa*

Paulo Torinno

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

F841a

Fraser, Ian

Araruama: o livro das raízes / Ian Fraser. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2018.

312 p. : il. ; 15,5cm x 22,5cm.

ISBN: 978-85-92579-59-3

1. Literatura brasileira. 2. Índio. 3. América. 4. Araruama. I. Torino, Paulo. II. Título.  
2018-1372

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos | Minas Gerais

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

“Cada noite é um vestido que o dia tem.  
Quando o dia tira o vestido, o sono vem”  
Timbalada em Tonelada de Desejo

“Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez.  
Pois quando isso acontece, já não se é o mesmo;  
assim como as águas, que já serão outras.”  
Heráclito



A luz de Gaga, a minha Majé Ceci, se apagou. Agora, ela é saudade.  
E saudade é uma coisa leve, que corre com a menor das brisas,  
sacudindo as folhas das árvores e fazendo cafuné nas pessoas.  
Posso respirá-la, prender a respiração e guardá-la dentro de mim  
por um momento, mas logo tenho que deixá-la seguir com o vento;  
sufocar na saudade é um erro terrível.  
E eu digo isso porque sei que a saudade tem vida breve,  
ela só dura o tempo que cabe dentro de nós.  
E nós, meu caro leitor, nós só estamos aqui por enquanto.  
Uma amantessidão de amor para todos.  
Ian Fraser





Este livro também é dedicado a João Paulo Gomes Fernandez,  
um cara que acredita na literatura nacional.  
Precisamos de mais pessoas como você, meu caro.



## PERSONAGENS:

### OTINGA:

**KALUANÃ** nasceu com um *aman paba* que superava o número mais alto que os homens conheciam. Assim que ele regressar do Turunã, Kaluanã se tornará *payni*, o chefe das sete tribos da Ibi, o mais alto epônimo na hierarquia dos homens. Sua promessa de vida longa o tornou conhecido em todas as aldeias, contudo, o homem decidiu viver seu ritual do Turunã fazendo parte do grupo liderado por Izel Pachacutec, surpreendendo muitos pelo fato de não ser líder de seu próprio grupo.

**UBIRATÃ** é oriundo da aldeia de Mboitatikal e se tornou o *abaetê* de Otinga após aceitar participar do ritual do *joca ayty*, a troca dos ninhos, com *payni* Caturama. Rígido e muitas vezes severo, Ubiratã se mostrou um ótimo líder para o seu povo. Contudo, depois que Caturama foi morto sobre a sua proteção, o *abaetê* de Otinga se vê cercado de acusações e olhos suspeitos.

**OBIRU** é um *capanema*, uma desonra inconcebível para o seu pai, o orgulhoso Ubiratã. Desde jovem, Obiru vive às margens da sociedade, negligenciado e constantemente humilhado por todos, principalmente por seu pai. Depois de usar uma das melhores jangadas da aldeia para enterrar seu melhor amigo, Concha, Obiru se oferece como um *teçá*, sendo obrigado a vagar pelas matas atrás do espírito de Etê, o espírito da honra e da bravura.

**PAVUNA** provou ser um dos melhores lutadores de *muramunhã* de toda a Ibi. Mesmo sendo baixo, o lutador conquistou fama após uma luta contra o forte e destemido Cuyuchi. Esse combate lhe rendeu a alcunha de Majuí.

## **IVITURUÍ:**

**APOEMA** é capaz de sonhar com os amanhãs. Contudo, quando ela tentou salvar sua mãe, mudando o destino visto em seus sonhos, a mulher descobriu que o tempo de Monâ tem vontade própria, nunca se curvando aos desejos humanos. Apoema também consegue conversar e ouvir vozes daqueles que vivem na Ibi Além, habilidade que a ajudou a criar o ankangatu, a arma que dispara flechas, e a derreter as pedras e fazer o ferro.

**KURUMÃ** demorou a compreender o seu lugar no mundo. Desde jovem, o homem se via incomodado com a fama e as proezas de Apoema, sua companheira de treinamento. Forte e dedicado, tudo que Kurumã queria fazer era se mostrar mais competente e habilidoso que a menina que sonhava com o futuro. Contudo, após muitos *Motirõ* de treinamento, o que antes era rivalidade acabou se transformando em uma bela amizade. Kurumã é o líder de seu grupo, que conta com os conselhos de Apoema.

**ARANÍ** é um dos *mbo'eaguariní* mais respeitados de Ivituruí. Araní nasceu no mesmo dia em que uma grande chuva tomou conta de sua aldeia, chuva que durou muitos *Motirõ*. Culpado pelo tormento, Araní foi ofertado à Icóamana, a garça com o canto da chuva. Esse encontro marcou a sua vida, e desde então Araní passou a vida treinando e aprimorando seu corpo, pois acreditava que o homem estava sempre em conflito com a natureza. Perdeu um dos olhos em um ataque *anhangüera*.

## **ITAPERUNA:**

**EÇAI** nasceu com orelhas de jaguatirica, fato que o tornou um dos homens mais belos de toda Ibi. Desde jovem, muitas mulheres desejaram dormir em sua rede – e muitas dormiram. Filho de *abaeté* Huitzilopochtli e *guariní* Malinali, Eçai sempre demonstrou um desgosto pela vida e ordens tribais, negligenciando seu treinamento, optando por viver a vida como ele bem entendia. Sua mãe sempre temeu que o temperamento do filho fosse, na realidade, fruto de um segredo muito bem guardado. Eçai era filho de Malinali e de Iaretguba, a jaguatirica comedora de homens.

### **BUIAGU:**

**BATARRA COTUBA** é considerado o homem mais forte da Ibi. Com um corpo montanhoso, quase duas vezes maior que um homem tradicional, Batarra dedicou a sua vida ao aperfeiçoamento de seus músculos. Durante o ataque *anhangüera* a Buiagu, Batarra Cotuba revelou a todos a real força de sua luz, derrotando, sozinho, o Tori Tabowu, o grande tatu que vivia nos subsolos do Tauá Caninana.

**IZEL PACHACUTEC** é uma das filhas do respeitado Teyacapan Tllali Tlachinolli, *abaeté* de Buiagu. Dona de um *exanhé* determinado e casmurro, Izel ficou conhecido por todos como a Guarapyrupã após matar um imenso guará branco. Focada e forte, ela decidiu liderar o seu grupo durante o Turunã.

### **MBOITATIKAL:**

**JUPI** assumiu o epônimo de *payni* após a morte de Caturama. Orgulhoso e devoto de Tata, o espírito pai do fogo, Jupi tem grandes ressalvas em relação aos adoradores de Airequecê, a mãe do frio.

### **TUCURUÍ:**

**K'ULAM JÄB** apareceu brevemente em Buiagu durante a primeira partida de Batarra Cotuba como capitão de um time durante um jogo de ulama-ariti. Em sua conversa com *abaeté* Teyacapan, K'ulam Jäb demonstrou ter grande conhecimento das tramas que estavam borbulhando na hierarquia das sete tribos.



## LUZES QUE SE APAGAM



Todas as noites, assim que o sono se esparramava pela mata, Apoema sonhava com um homem que ela ainda não conhecia. O rosto era um borrão, uma figura embaçada pelas incertezas do amanhã. Contudo, ela podia ver claramente a luz de sua cor, fraca e mirrada, quase apagada, como um resto de brasa em seu último suspiro de fumaça. O sonho era sempre o mesmo: o estranho visitava a *mitanguariní* para protegê-la, engolindo a fera que ameaçava roubar seus amanhãs.

Ao abrir os olhos, os sonhos evaporaram e aos poucos ela reconheceu os vagalumes de Jacamim, que viviam a bisbilhotar a Ibi durante a noite. A rede em que dormia grudava na pele, que graças ao abafamento estava ensopada com uma mistura de suor e extrato de *angúeraso guarupiú*, um elixir que ela havia espalhado pelo corpo na tentativa de repelir os avanços dos insetos. A remediação, no entanto, surtiu pouco efeito, e as muriçocas zuniam em seu ouvido, pinicando a paz de seu sono.

A luz de Airequecê, que brilhava no firmamento, encontrava caminho pelas ocasionais brechas na folhagem dos amapás, riscando finos dedos brancos pela noite. Apoema deitou o rosto na lateral da rede e procurou por seus companheiros de Turunã, que ainda dormiam em suas redes. Logo abaixo dela, Ook Séeb sonhava em uma paz quase divina, e a mulher sentiu inveja de como o sono dele seguia tranquilo, mesmo com a cantoria das muriçocas. No cume do Guaçuaté, na aldeia de Ivituruí, lugar que ela chamava de lar, as noites eram tomadas pela ambição do frio e os insetos não ousavam perturbar.

Ao sentir o desconforto grudento da água que derretia de sua pele, Apoema tentou se perder nas lembranças da vida que havia deixado para trás: sua cama e os cobertores de couro de lhama, o penhasco Amopiraçu e seu mestre, *mbo'eaguariní* Araní, e, é claro, seu pai, *munducuru* Leri. Pensar nas coisas que ela reencontraria no retorno normalmente enchia o *exanhé* da *mitanguariní* com força e contentamento, acalentando um pouco o sofrimento ao ponto de fazê-la voltar a dormir. Naquela noite, no entanto, nada funcionava. Os barulhos eram intensos, o suor incomodava e as inquietações do ritual do Turunã eram demais para sua mente.

O uso das trilhas que ligavam as aldeias da Ibi era proibido durante o Turunã, forçando os *mitanguariní* a se aventurarem pelos mistérios verdes de Cajaty, usando apenas os deuses e os instintos como guias. A sensação era que ela e seu grupo já haviam caminhado juntos por quase um *Motirõ*, mas, na realidade, os dias de jornada não preenchiam três mãos contadas.

Pensar que aquilo era apenas o começo e que havia uma enormidade de coisas estranhas e sem nome a serem descobertas sobrecarregava o *exanhé* de Apoema. Cansada de ruminar a própria insônia, a *mitanguariní* pegou o Iuitú Iuíre, arma que ao ser arremessada girava no ar e retornava à sua mão, desceu o tronco do amapá e decidiu perambular pelas redondezas do acampamento. Com passos perdidos, ela ponderou sobre a localização do grupo naquele exato momento e quanto tempo ainda seria gasto durante a caminhada até o Ibaté. Segundo Ook Séeb, que melhor conhecia a vegetação e a fauna da região, eles ainda estavam mais próximos a Mboitatikal do que de Atibaia, o que não era nada promissor.

– Se continuarmos nesse ritmo, só retornaremos do Turunã com setenta *Motirõ* de idade – suspirou Apoema ao se aproximar do rio que cortava a paisagem do matagal.

A *mitanguariní* despiu-se da toga que trajava e entrou no rio, sentindo todos os pelos de seu corpo ouriçarem. A água estava longe da temperatura com a qual ela estava acostumada em Ivituruí, mas qualquer carícia que diminuísse os castigos do abafamento úmido era benquista. Apoema andou até que a água chegasse à altura de seu pescoço, permitindo que a correnteza, que naquele ponto era tímida e amena, acariciasse e massageasse seu couro cansado.



– Aos poucos você está se acostumando ao calor – disse Eçaí, que estava logo acima de Apoema, sentado em um longo galho que se prolongava pela margem do rio.

– E você consegue ler pensamentos, *mitanguariní* Eçaí?

– Não – respondeu o homem antes de mergulhar e sentir o frescor molhado do rio. – Mas estou errado?

Apoema encarou o rosto de seu companheiro de viagem, talhado em ângulos retos e por suas notórias orelhas de jaguatirica, rosto este que agora esboçava um sorriso jocoso.

O homem tinha seu charme e sabia usá-lo ao seu favor, mas a *mitanguariní* nada respondeu.

– Sabe o que é que me chama mais a atenção em você, *mitanguariní* Apoema?

A mulher continuou calada.

– Você escolhe armas estranhas para caçar – ele continuou.

A resposta de Apoema veio com os sons do silêncio.

– Kurumã me contou que foi você quem inventou o ankangatu. Isso é verdade?

Olhos perdidos, lábios imóveis.

– Por que este nome estranho, ankangatu?

A resposta para aquela pergunta quebrou a casmurrice de Apoema.

– Ankangatu foi o nome de um amigo. Foi ele quem me ensinou a fazer o arco e a corda e as flechas e como derreter pedras. Ele era um *capanema*.

– E você colocou o nome dele na arma?

– Sim.

Acostumada às inquebrantáveis regras tribais, Apoema esperou uma réplica descabida de Eçaí, mas este pareceu encantado com as verdades escondidas nos utensílios da mulher.

– Ele deve ter sido uma luz muito boa para receber tal honra.

– Ele foi – respondeu Apoema, que se viu picada pelo bicho chamado saudade.

– Que maravilha são os encontros em cima da Ibi, não é mesmo, *mitanguariní* Apoema?

– Como assim, *mitanguariní* Eçaí?

Ao se aproximar de Apoema, o corpo de Eçaí reagiu de forma incontrollável, do modo que sempre acontecia quando estava próximo à

*mitanguarini*. O coração disparou e os sentidos se aguçaram e o corpo pareceu expandir ao tempo que o mundo lá fora parecia diminuir.

– Eu gosto de pensar que todos nós somos como argila, e que cada ser que entra em contato com a gente, desde o velho estranho, que aparece em nossas vidas com um presente em mãos, aos nossos pais, que vivem ao nosso lado, todos eles vão moldando a grande cerâmica que nós somos. Somos vasos feitos e refeitos a todos os instantes, até o dia em que a argila seca e tudo que resta é quebrar.

Apoema recebeu do pai um nome que a fadou a um dom que ia além de sua compreensão. Enquanto seus companheiros não conseguiam ver além do eterno agora, a *mitanguarini* era capaz de sonhar com os segredos dos amanhã. Mas, ao escutar aquelas palavras de Eçaí, Apoema percebeu, pela primeira vez, que outras luzes, mesmo aquelas incapazes de sonhar com o futuro, também eram capazes de enxergar mais do que o agora permitia. *Talvez tenha sido isso que me aproximou de Ankangatu*, pensou a *mitanguarini*, que brincava de riscar a superfície da água com as pontas dos dedos.

– E você, Eçaí? Você realmente não é treinado no uso de nenhuma arma? – a forma como aquela pergunta escapou dos lábios de Apoema cravou um sorriso no rosto do *mitanguarini*.

Pequenos suspiros podem virar tufões.

– Eu não gosto de armas, Apoema.

– Por quê?

– Armas são... – Eçaí não tinha uma resposta pronta para aquela pergunta. – Os acauãs, quando caçam, não usam armas. Eles usam suas asas e suas garras e seus bicos para vencer a natureza. As sucuris não conseguem voar e são menos velozes, mas elas se escondem bem e usam sua força para espremer a vida de suas presas. Na natureza não há armas, há apenas a fome.

– Você fala bonito, Eçaí, mas nós também somos natureza, assim como nossa habilidade de fazer armas. Você gosta tanto de falar e de fazer suas palavras engraçadas, mas parece esquecer que a fala não é da natureza.

– Mas é aí que você se engana. Tudo nesse mundo fala, Apoema. As folhas secas e murchas falam para todos que a água está faltando, os rios, quando sobem, nos dizem que a chuva foi farta, os pelos ouriçados de uma jaguatirica dizem que ela está acuada e se

sentido ameaçada. Até as pedras, em seu silêncio, falam. É por isso que eu não preciso ler sua mente para saber que você, aos poucos, está se acostumando ao calor, pois eu sinto o cheiro do seu suor e percebo que, a cada dia que passa, você transpira menos. Eu escuto sua respiração e como hoje você demora mais para se cansar. Você está falando comigo o tempo todo, mesmo sem dizer uma palavra.

– De novo, você está usando as palavras para fugir da questão que é seu despreparo com as armas.

– As palavras são as minhas armas, Apoema.

– Boa sorte tentando parar lanças usando suas palavras, Eçaí.

Apoema saiu do rio e começou a caminhar de volta ao acampamento; a noite logo terminaria e ela gostaria de aproveitar o que restava de escuridão para dormir. Eçaí, no entanto, estava agitado demais para voltar para a sua rede, então se pôs a compor mais uma de suas palavras engraçadas. A conversa com Apoema havia deixado uma semente de ideia dentro do homem, uma inquietação que se ramificou por todo o corpo, apertando seus pulmões até que ideias rimadas brotassem. Lá ele ficou até que Aram despertou atrás das folhas verdes dos amapás.

*Três sementes de açai caem no chão,*

*três árvores irmãs nascerão.*

*As três, o firmamento buscarão,*

*as três, o solo abraçarão,*

*as três, frutos darão.*

*Mas as três, diferentes serão.*

Aquela era a terceira noite que Eçaí passava em claro. Ele já não conseguia lembrar a última vez que havia dormido uma noite inteira, e quando o sono eventualmente o visitava, ele não sonhava. O cansaço pesava sobre os olhos, o corpo pedia por um descanso na rede, mas havia algo amarelo no ar que ele respirava, algo que o mantinha sempre alerta.

No mais alto galho de um jatobá, Eçaí vigiava os companheiros, imaginando as maravilhas que se escondiam no mundo dos olhos fechados, nos desejos de areia e névoa. *Para quem eles dedicam os seus sonhos?*, pensou Eçaí, que, com a primeira luz de Aram, desceu da árvore e se juntou ao resto do bando, que acordava para mais um dia de caminhada.

Kurumã se mostrou um líder eficiente e dedicado, delegando tarefas específicas aos seus companheiros, explorando as proficiências de cada integrante de seu bando. Apoema e Keamuka, quando descansadas, eram responsáveis pela caça, Opira pescava quando havia algum rio por perto, Najoch Su'uk cuidava dos utensílios e das armas usadas no dia a dia, Eçaí ficava de vigia e Ook Séeb, que era nativo de Atibaia e conhecia melhor aquela vegetação, traçava a rota a ser seguida. Segundo Ook Séeb, aquele rio, o mesmo no qual Apoema e Eçaí haviam se banhado durante a madrugada, chamava-se Paracambi, um dos afluentes do rio Arariboia, e eventualmente suas águas conduziriam o grupo até os vales do Cubatão, região montanhosa entre Buiagu e Itaperuna.

Escolher a rota do Cubatão tinha um propósito específico: evitar, a todo custo, os perigos do Tauá Caninana. O Turunã era uma jornada árdua e penosa, que nem todos *mitanguariní* eram capazes de cumprir, e evitar a secura vermelha do deserto parecia aumentar as suas chances de sucesso – principalmente por não terem no grupo um nativo de Buiagu.

Kurumã fazia questão de manter todos em uma rotina rigorosa, constantemente estabelecendo comandos para manter a mente sã e o corpo preparado. Durante as longas caminhadas, o grupo seguia pelo verde de Cajaty em uma formação de flecha, tendo sempre três vigias – um na dianteira e dois nas laterais. Quando Aram estava em seu ponto mais elevado e os buchos rugiam de fome, Kurumã selecionava os dois *mitanguariní* mais descansados para caçar o almoço ao tempo que o resto do bando repousava ao lado de uma fogueira. Naquela tarde, a tarefa de encontrar comida caiu sobre os ombros de Ook Séeb e do próprio Kurumã. Os dois haviam, rapidamente, estabelecido uma forte camaradagem, encontrando alento e conforto no ombro estranho. Kurumã apreciava a disciplina do companheiro de Atibaia, que se empenhava na tarefa de traçar o caminho a ser seguido e demonstrava grande conhecimento de flora e fauna, já Ook Séeb apreciava ser valorizado e respeitado por seu líder.

E, assim como tudo que rasteja sobre o chão, sentimentos também amadurecem e crescem, dado o certo tempo. Respeito virou admiração, e o que antes era camaradagem se transformou em amizade.

Os *mitanguariní* caminhavam com suas lanças preparadas, procurando por algo que pudesse saciar a fome do grupo.

– Nós poderíamos cortar dois troncos, fazer duas canoas e seguir o rio Paracambi. Nós passaríamos pelo Arariboia até chegarmos aos arredores do Cubatão. Se Iara nos entregar correntezas amigáveis, o rio será o caminho mais rápido – disse Ook Séeb, que constantemente pensava na rota a ser seguida.

– É uma opção – respondeu Kurumã, refletindo sobre a sugestão do companheiro de Atibaia. – Andando, nós temos mais controle, o chão é mais estável do que a água.

– Isso é verdade, mas é para isso que temos no grupo Opira e Eçaí. Os dois são filhos de tribos de bons pescadores – respondeu Ook, referindo-se às tribos Otinga e Itaperuna, respectivamente.

– E Apoema é filha de *pindara* e uma boa nadadora. É algo que merece ser considerado, mas agora precisamos nos concentrar na caçada.

Ook puxou de sua toga o Mo'ol, uma espécie de luva com garras férricas que envolvia sua mão direita e que ora funcionava como arma, ora como instrumento de auxílio na tarefa de escalar árvores ou rochedos. Aquele apetrecho, de funcionalidade singular, era uma criação do próprio Ook Séeb, cuja ideia veio à cabeça no dia em que seus melhores amigos aprenderam a cantar o silêncio da terra.

Um dos responsáveis por treinar os *mitanguariní* de Atibaia era Óox Tunich, um caçador forte e com um *aman paba* de cento e um *Motirõ*. Muitas palavras podiam ser usadas para descrever Óox Tunich, mas foi justamente a ausência destas que o tornou conhecido em toda a aldeia. Quando criança, Óox gostava de imitar o sibilar das cobras, desenvolvendo uma destreza sem paralelo. Tinha o hábito de trepar sobre o topo das árvores e se divertir assustando os *munducuru* e os *pora-pó* que por lá passavam. A mãe o advertia constantemente sobre os perigos de imitar as cobras, mas o menino, assim como quase todos os filhos o fazem, achava divertido desafiar os conselhos maternos. A brincadeira, aparentemente, custou-lhe muito. Pouco se sabe sobre como os fatos se sucederam, porém, em pouco tempo, as bocas, sedentas por narrativas pomposas, trataram de inventar histórias para serem contadas em volta da fogueira ou nos cafunés de rede. Apenas isto era certo: Óox Tunich partiu para o ritual do Turunã com todas as faculdades ora-

tórias em seus devidos lugares, mas, em determinado momento, a língua foi-lhe arrancada da boca. *Quem o fez?*, o *guarini* nunca esboçou vontade de revelar; *Como se sucedeu o fato?*, ele nunca esclareceu. Foi-se embora de Atibaia um *mitanguarini* tagarela e voltou-se um *guarini* mudo. Mas a língua não foi a única coisa que o Turunã arrancou de Óox Tunich, ele havia perdido também o ímpeto brincalhão e bonachão, tornando-se um homem sisudo e de olhos semicerrados. Mostrou-se forte, muito mais forte que os velhos sábios podiam esperar, tanto que caiu sobre seus ombros a responsabilidade de ser um dos *mbo'eaguarini* da aldeia.

Ook Séeb treinou sob a tutela de Óox Tunich por doze *Motirõ*, fato que seu pai, *guarini* Ool Nahoch, muito comemorou. Sem as virtudes da língua, Óox não perdia tempo de seus treinamentos com eloquências ou com discursos pomposos; ele colocava em prática, e sem pudores, aquilo que o verde de Cajaty havia o ensinado durante o Turunã. As únicas coisas que falavam durante os exercícios eram seus punhos e seu maquahuítl, que, com certa frequência, partiam a pele e os ossos de seus alunos. E para Ook Séeb, que não conhecia outra realidade, aquelas práticas rigorosas e inflexíveis eram agradáveis, pois lá, no silêncio truculento de seu mestre, o *mitanguarini* aprendeu o real valor da amizade. Dzuuy Ha, Tumben Káana, Oot Ts'u'uts e Ool Tziimin, junto a Ook Séeb, formaram o grupo que ficou conhecido em Atibaia como *os cinco de Óox*.

E, naquela mão contada de amigos, havia um que roubava os ventos que corriam dentro de Ook Séeb. Dzuuy Ha era dono de um riso leve e de uma pele lisa. Quando não estavam treinando ou correndo pela tribo, eles conversavam sobre coisas supérfluas e andavam de mãos dadas. Ambos eram donos de *exanhé* competitivos, conhecidos por viverem com desafios nas pontas das línguas, instigando competições e disputas sempre que podiam. Contudo, quando a Ibi se resumia somente aos dois, as bravatas evaporavam no calor do *moronguetá*.

Ook nunca desejou ser melhor que Dzuuy.

Dzuuy nunca desejou ser melhor que Ook.

Em uma tarde fria e ventosa, enquanto *os cinco de Óox* treinavam arremesso de lança, uma brisa quente e deslocada correu por entre as folhas do *ara ymã*. O nariz de Óox percebeu a aproxima-

ção da fera, mas seu corpo não foi rápido o bastante para evitar o ataque. Iarateguba, em um golpe vermelho, lambuzou-se com os amanhãs do *mbo'eaguarini*. Os aprendizes, ainda despreparados para encarar tal oponente, obedeceram aos comandos das pernas e começaram a correr em direção à aldeia, buscando algum *guarini* que pudesse enfrentar a jaguatirica comedora de homens. No entanto, o afeto que Ook Séeb tinha por seu mestre era demasiado, o que levou o menino a olhar para trás, como se seus olhos pudessem salvá-lo. E se há uma verdade única que Ook aprendeu sobre a Ibi, esta é ela: nenhum ato de inocência segue ileso. Em um piscar, Iarateguba estava em cima dele, seus caninos sujos pelo silêncio de seu mestre. Dzuuy Ha foi o primeiro a perceber o perigo e o primeiro a voltar para o resgate do amigo, os outros três vieram logo em seguida.

A pata de Iarateguba rasgou o peito de Ook Séeb em uma investida poderosa, deixando uma marca vermelha de suas garras próximo ao coração do *mitanguarini*. A última coisa que ele viu antes de desmaiar foi Dzuuy Ha, Tumben Káana, Oot Ts'u'uts e Ool Tziimin pulando sobre a fera com berros de combate em seus pulmões.

Ook acordou sob as reminiscências da coragem de seus amigos, que sacrificaram seus amanhãs para que ele pudesse ter os seus. Com o peito aberto, o *mitanguarini* dançou em nome dos companheiros, agradecendo pelo sacrifício deles. E foi justamente naquela dança fúnebre, enquanto os olhos sangravam um pouco de seu *exanhé* e o peito chorava a dor da derrota, que a ideia de criar o Mo'ol veio à cabeça do menino.

Ele cortaria o couro de Iarateguba com a mesma fome.

– E carne de ariranha é gostosa? – perguntou Kurumã, desembaçando os ontens que cobriam os olhos de Ook Séeb.

– Eu pessoalmente não acho saborosa, mas há quem goste – respondeu Ook.

A caça não demandou esforço, e, em pouco tempo, os dois carregavam a carcaça de uma ariranha abatida. Kurumã acertou o animal com um arremesso único de sua lança, pondo em prática todas as lições aprendidas com o seu mestre, *mbo'eaguarini* Araní.

Durante o almoço, era comum que os companheiros de Turunã dividissem memórias que viviam entre suas orelhas, lembranças de



um mundo que agora já parecia distante. Para Apoema, aquele era o momento mais agradável do dia: enquanto os amigos enchiam os estômagos, ela se deleitava com o narrar de dias passados. Ouvir da boca dos companheiros as experiências vividas em terras desconhecidas era como descobrir uma nova Ibi sem de fato ter que enfrentar o verde de Cajaty ou a ameaça dos *anhangüera*. E para a *mitanguariní* de Ivituruí não havia histórias mais divertidas que as de Ook Séeb. Tudo no *mitanguariní* de Atibaia era novo e fantástico, fossem os costumes ou os adornos e as vestimentas que cobriam seu corpo. O xanab, indumentária de couro que envolvia os pés do *mitanguariní*, era a novidade que mais chamava a atenção, permitindo que Ook Séeb atingisse uma velocidade extraordinária em sua corrida, uma das características mais notórias dos filhos de Votu, a mãe do vento.

Outro que também a fascinava era o homem com orelhas de jaguatirica, andando sempre com um sorriso tolo em seu rosto. Nos momentos em que Eçaí colocava em prática suas desenvolturas físicas, ele era um ser admirável; fosse escalando árvores, pescando com as mãos, correndo por entre galhos e raízes em uma velocidade cega, ou sua facilidade em cheirar, escutar e ver coisas que os outros não conseguiam. Mas quando ele precisava se portar como um *guariní* em treinamento, o *mitanguariní* era uma vergonha.

*Despreparado e destreinado e inadimplente.*

– Ook Séeb sugeriu que nós seguissemos nosso caminho pelo rio Paracambi – disse Kurumã ao resto do grupo. – Seguiríamos o rio Arariboia até nos aproximarmos do Cubatão. De lá, nós andaríamos até Ararê.

– Eu conheço o Arariboia – respondeu Eçaí, que desde a mais tenra idade usava das águas do rio para fugir de seus treinamentos. – O rio é calmo próximo de Itaperuna, mas ele fica bravo perto de Mboitatikal. Eu aconselharia seguirmos a pé.

Kurumã olhou para Ook Séeb e depois para Eçaí, incerto sobre qual conselho seguir. Era uma dúvida cruel, e, por isso, ele buscou assistência nos conselhos de Apoema.

Para a *mitanguariní*, a escolha era óbvia:

– Acho que devemos seguir pelo rio. Os *anhangüera* não nos atacarão lá e as águas farão o trabalho de andar por nós.



– Nós não escutamos um suspiro de *anhangüera* em toda nossa caminhada, Apoema – disse Eçaí. – Além disso, eu posso escutar com uma boa distância, caso eles se aproximem. Eu realmente acho melhor seguirmos a pé.

– Eu acho que nós estaremos mais a salvo no rio – retrucou Apoema, constatando o olhar de aprovação de Ook Séeb e Kurumã.

– Temos Opira ao nosso lado, que sabe construir jangadas e canoas.

– O mar de Otinga não é a mesma coisa que um rio em Itaperuna, Apoema. As águas são diferentes.

– Todas as águas são filhas de Iara, *mitanguariní* Eçaí – respondeu Opira, ofendida pelo comentário do companheiro.

Os argumentos de Eçaí não surtiram efeito e Kurumã optou por seguir o plano de Ook Séeb, preferindo vencer as correntezas do rio Paracambi. O grupo de *mitanguariní* passou o resto do dia cortando árvores e galhos para construir duas canoas.

Durante a noite, enquanto os colegas desfrutavam de uma outra realidade, Eçaí talhava desenhos no tronco de uma carapa. A imagem de uma serpente emplumada vivia a rondar sua mente, dançando em volta de um céu azul.

– O boitatá – disse Najoch Su’uk, que se aproximou da fogueira, sentando-se próxima às chamas.

– Ele mesmo. Eu penso muito nele. Uma ideia que parece ter espírito de cigarra. Fica cantando em minha cabeça assim que Aiquecê surge no firmamento.

– Isso quando você não está pensando em Apoema.

Eçaí riu com o comentário da companheira de Turunã.

– Não há nada mais óbvio que um animal tentando seduzir o outro – respondeu a mulher, nativa de Tucuruí. – Peito estufado, penas eretas, canto forte. Este é você perto de Apoema.

Eçaí sentou-se ao lado de Najoch e aproveitou o calor das chamas e de uma prosa amiga.

– Quando alguém rouba o encanto de seus olhos, você fica igual peixe fogado, não tem muita opção a não ser seguir a linha.

– Isso é verdade – a mulher respondeu com olhos perdidos.

– Eu consigo escutar tantas coisas, Najoch. Consigo escutar o seu coração batendo, o vermelho correndo por seu corpo e os

ruídos de seu bucho. Mas não há como escutar as vozes internas, mesmo se elas berrassem. Seria tão mais fácil.

– Será mesmo? – perguntou Najoch.

– Eu conheceria melhor as pessoas. As coisas fariam mais sentido.

– Eu acho que no fim você perderia mais do que ganharia. Tudo aqui dentro é confuso e embaralhado. Você viveria perdido na tormenta que todo mundo carrega entre as orelhas.

– É bem capaz de você estar certa.

– Conhecer alguém não significa ter acesso à sua plenitude. Conhecer alguém é ter acesso àquilo que ela permite você adentrar. As coisas escondidas, as verdades desconhecidas, as coisas que não estão na superfície, tudo isso deve ser conquistado... se ela deixar você entrar.

– Você me parece muito sábia, Najoch.

– Eu sei, e tão jovem e bela ainda – respondeu a mulher com um sorriso travesso.

O assunto mudou sem pretensões ou palavras calculadas, e os dois companheiros dividiram as primeiras risadas descontraídas do Turunã.

Depois de alguns dias de trabalho, as embarcações seguiam pelas águas turvas do Paracambi, cortando suas margens em boa velocidade. A correnteza era realmente desafiadora, com vagas nervosas e caprichosas, tal como Eçaí havia alertado, mas Opira e Najoch Su'uk eram talentosas e conduziam as embarcações sem grandes dificuldades.

– Os *anhangüera* andam calados – disse Kurumã a Eçaí, Opira e Ook Séeb, seus companheiros de embarcação.

– Eu não escuto um suspiro desde a caminhada de Otinga até Mboitatikal – respondeu Opira, que usava um longo galho de cupuaçu para guiar a canoa pelas margens do rio Paracambi.

– Alguma coisa que foge de nossos olhos, Eçaí? – perguntou Kurumã.

– Eu escuto e cheiro muitas coisas, mas nenhuma delas é um *anhangüera* – respondeu o *mitanguariní* de Itaperuna, ainda carregando nas sobranceiras a frustração de ter sido ignorado por seus companheiros, uma de Ivituruí em específico.

O entardecer trouxe cansaço ao brilho de Aram quando Eçaí, desiludido pela indiferença de Apoema, decidiu pular de uma canoa para outra.

– Por que você não confia em mim? – perguntou em um suspiro desesperado.

– Eu não te conheço o suficiente para confiar ou desconfiar de você, *mitanguariní* Eçaí.

– Você me conhece tão bem quanto *mitanguariní* Ook Séeb, no entanto você parece confiar mais nas palavras dele do que nas minhas.

– Ook Séeb mostra disciplina e responsabilidade, *mitanguariní* Eçaí, algo que você ainda não mostrou para mim ou para o grupo.

– Eu nunca falhei com o grupo. Tudo que me pediram, eu fiz.

Eçaí fitou os olhos de Apoema e encontrou o verdadeiro motivo de sua frustração: no fundo, pouco se importava com a rota a ser seguida. Não era o trajeto e tão pouco o fato de ser ouvido ou não que o irritava. Era Apoema. Pela primeira vez em sua vida, Eçaí viu-se do outro lado do descaso, incapaz de fazer o alvo de seu afeto olhar para ele da mesma forma que ele olhava para ela.

Estavam em desequilíbrio.

O *mitanguariní* estava prestes a soltar algumas verdades que viviam engaioladas em seus pulmões quando suas orelhas de jaguatirica captaram um sussurro vindo das profundezas do Paracambi.

O som da fome rugiu por debaixo da superfície e o bote foi mais rápido do que Eçaí poderia imaginar. Antes que ele pudesse alertar seus companheiros, a canoa com Kurumã, Ook Séeb e Opira se espraçou em incontáveis fragmentos, lançando os *mitanguariní* à escuridão do rio. A cabeça achatada da sucuri surgiu do jorro de água e a silhueta da fera cobriu o brilho de Aram.

Sem um chão firme para lutar, Kurumã, Ook Séeb e Opira começaram a nadar em direção à margem do rio ao tempo que o resto do grupo se preparava para enfrentar a enorme serpente. O corpo alongado e espesso curvou-se e avançou em direção à segunda canoa. Apoema puxou o ankangatu e fez uma de suas flechas voar, acertando o corpo da sucuri. O animal, contudo, não desacelerou sua investida: era muito couro para tão pouca flecha. Notando o tamanho do oponente, Keamuka largou o remo, correu em direção à sua lança e a arremessou, acertando de raspão a fera, abrindo um

corde fundo na serpente, que submergiu e tornou-se invisível aos olhos dos *mitanguariní*.

– Preparem-se! – gritou Apoema, tentando se agarrar à canoa, esperando a investida da besta.

Os ouvidos de Eçaí, no entanto, perceberam que não era a canoa que a serpente mirava, mas sim Ook Séeb e Opira, que ainda não haviam chegado às margens do rio. Ao perceber a leve ondulação embaixo da canoa, Eçaí inspirou profundamente e mergulhou na escuridão do Paracambi.

Kurumã, que já se encontrava no raso, gritava para seus companheiros, incentivando-os a nadar mais rápido. De onde estava, o líder do grupo via toda a cena se desenrolando, incapaz de ajudar os amigos, testemunhando a pequena onda que crescia de tamanho atrás deles. Em um piscar de olhos, água brotou da superfície e choveu sobre Kurumã, que estava de machado desembainhado e pronto para o combate. Agarrado à cabeça da sucuri, Eçaí abraçava a mandíbula poderosa da serpente. A fera balançava seu corpo de um lado para o outro, lutando contra o homem que a impedia de saciar sua fome. Os movimentos da serpente lançavam vagas e jorros d'água para todos os lados. Em um desses movimentos desesperados, o rabo da sucuri acertou Opira, lançando o corpo da *mitanguariní* pelo ar até que colidiu em uma das árvores na beira do rio.

Ao chegar no raso, Ook Séeb examinou os seus arredores, procurando por um plano, uma ideia, qualquer coisa que pudesse ajudar Eçaí, que ainda lutava para se manter agarrado à boca da serpente, mas que não aguentaria muito tempo sozinho. À sua esquerda, Ook Séeb notou um pé de babaçu cujo tronco era inclinado, ideal para o salto. O *mitanguariní* colocou o Mo'ol, correu em direção à árvore e usou de sua velocidade para subir pelo tronco e pular na cabeça da fera, usando as garras fêrricas para se manter agarrado em seu couro. O golpe do Mo'ol teve efeito, fazendo a serpente lançar o corpo para trás, procurando refúgio na profundidade do Arariboia. Kurumã, percebendo que os dois *mitanguariní* haviam sido levados ao fundo do rio, segurou seu machado de pedra lascada com a boca e mergulhou atrás de seus companheiros.

Do outro lado do rio, Apoema, Keamuka e Najoch Su'uk, que ainda se encontravam na segunda canoa, procuravam por algum

sinal de movimento debaixo da superfície. O que seguiu foi um instante que se dilatou por uma vida inteira. O marasmo que tomou conta do rio em nada se assemelhava à truculência que momentos atrás ameaçava roubar os amanhãs dos *mitanguariní*.

O silêncio dos afogados.

Bolhas começaram a estourar na superfície, fazendo Apoema puxar a corda de seu ankangatu até o limite. Eçaí emergiu, buscando o ar que seus pulmões tanto necessitavam. Keamuka e Najoch Su'uk puxaram o homem para cima da canoa ao tempo que Apoema mirava sua arma e flecha em direção à água escura, apenas esperando a serpente surgir.

Aquela primeira arfada depois de tanto tempo submerso despertou algo em Eçaí, algo que se iniciou no rio Ibepetuba e com o presente de Baquara. A natureza que o cercava, que ele tanto admirava, existia para testar sua força, sua determinação e o tamanho de sua fome. Uma correnteza em forma de lembranças começou a correr pelas entranhas do *mitanguariní*, que graças às suas orelhas de jaguatirica conseguia ouvir a batalha que seus companheiros travavam embaixo d'água.

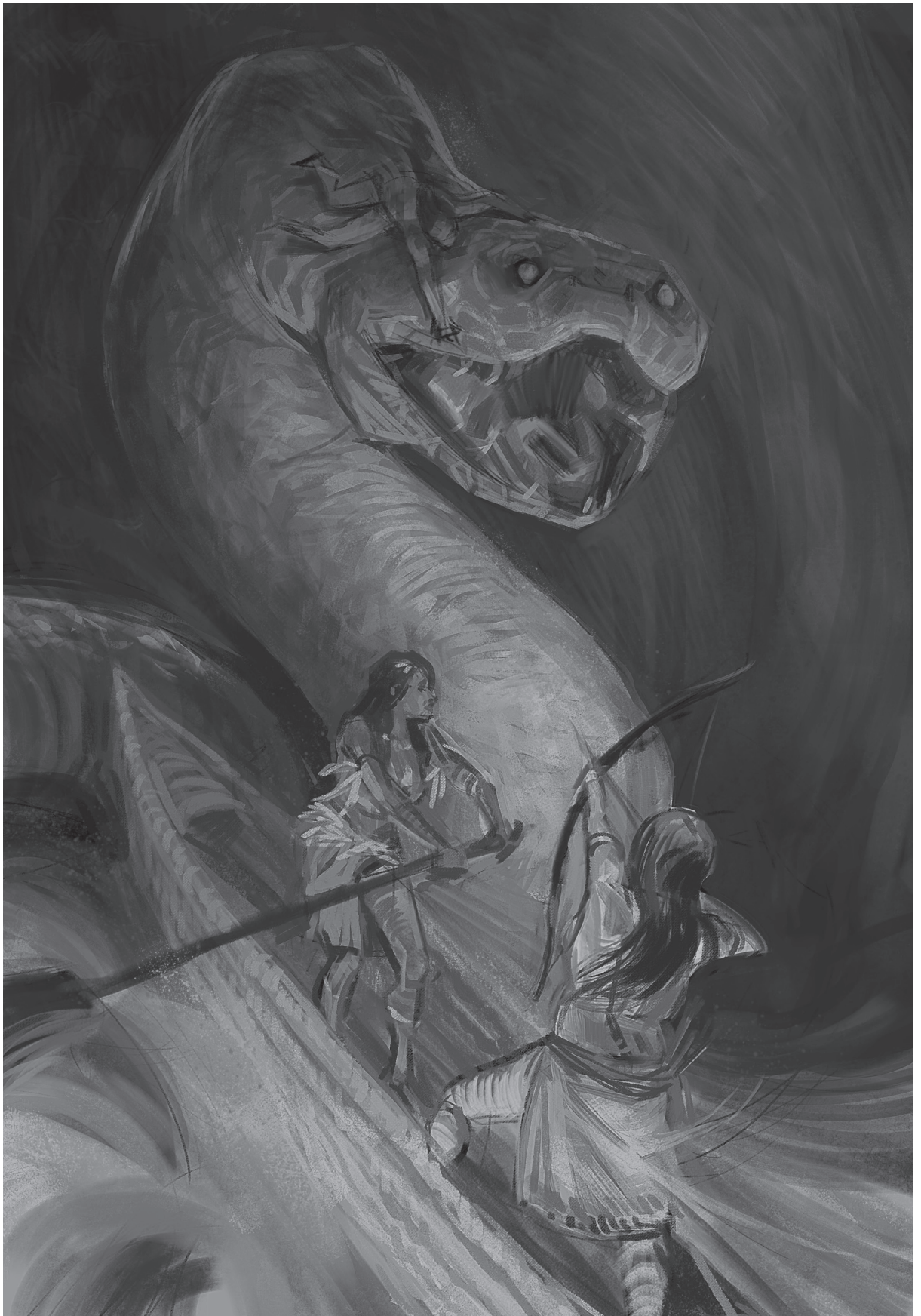
– A sucuri está subindo! – ele gritou – Se preparem!

A serpente se ergueu, levantando, novamente, uma quantidade enorme de água aos céus. Ook Séeb ainda permanecia agarrado à cabeça do animal graças ao Mo'ol, contudo, na outra extremidade, lutando contra a cauda que se apertava em volta de seu corpo, estava Kurumã.

Apoema lançou três flechas com pontas de ferro contra o animal, mas as escamas eram grossas e duras, e as flechas pouco incomodaram a monstruosidade. Ela então puxou o Iuitú Iuíre e o lançou contra a fera, fazendo a arma atravessar o maxilar inferior da serpente.

O animal, percebendo sua derrota, usou toda a força de seu corpo para apertar Kurumã. Não foi necessário ter uma audição felina para escutar os ossos do *mitanguariní* partindo.





Um impulso incontrollável tomou conta de Eçaí. Corpo e mente reagiram em um instinto desconhecido pelo *mitanguariní*, que puxou o tepoztopilli da mão de Keamuka e pulou, cruzando o couro duro da serpente, que afrouxou os músculos e tombou.

Apoema largou o ankangatu na canoa e começou a nadar em direção ao corpo de Kurumã, que boiava inerte, levado pelos desejos do rio. Ao se aproximar do amigo, Apoema notou que ele lutava para respirar, e que a cor de sua luz aos poucos se apagava. A *mitanguariní* segurou o irmão de tribo pelo peito e nadou com ele até a margem do rio. Kurumã repetia para todos que estava bem, que se sentia machucado, mas que nada doía. Seus olhos iam de um lado ao outro, tentando reconhecer o que se passava ao seu redor, mas o resto do corpo não parecia responder aos seus comandos.

– O que é que você está sentindo, Kurumã? – perguntou Apoema ao se ajoelhar ao lado do amigo.

– Eu estou bem, Apoema – sorriu. – Eu só não consigo me levantar.

Eçaí, Ook Séeb, Keamuka e Najoch Su'uk se aproximaram dos dois, suas respirações ofegantes, seus corpos marcados pelo embate com a sucuri. Todos se agruparam em volta de Kurumã, temerosos pelo estado do homem. A audição felina de Eçaí conseguia escutar a respiração quebrada de Kurumã e os ruídos das feridas que não se faziam vistas.

– Eçaí, por favor, ache Opira – disse Kurumã, preso ao peso do próprio corpo.

– Você precisa descansar – disse Apoema. – Você vai se recuperar.

– É a dor que faz a carne ficar dura – ele disse em um riso repleto de tosse.

Não demorou muito e Eçaí retornou com o corpo de Opira em seus braços. Os companheiros de Turunã acenderam uma fogueira, enxugaram Kurumã, colocaram-no em sua rede, e trataram de iniciar o ritual fúnebre para o descanso eterno da amiga derrubada em combate. Os cinco dançaram e cantaram em nome de Monâ, para que ela recebesse Opira na Ibi Além.

Airequecê nasceu sob o canto triste dos *mitanguariní*, que provavam os primeiros amanhãs roubados do Turunã. Votu, mãe dos ventos, caprichosa e sabida, mandou brisas frias para correrem

pelo acampamento, fazendo a fogueira dançar em um ritmo acalorado.

Deitada em sua rede, Apoema pensava nos dias bons que teve em Ivituruí. Como estariam todos agora? Estaria seu pai a pensar nela com saudade? E *mbo'aguarini* Araní, estaria ele treinando algum aluno displícite, encarando-o com seu único olho bom? Perder Opira fez com que Apoema recordasse dias inalcançáveis, dias usados.

*Nada no tempo consegue ser tão distante quanto o ontem.*

O verde de Cajaty uivava com os sopros de Votu quando Apoema desceu de sua rede para ver o estado de Kurumã, que descansava na companhia de Eçaí. Os dois conversavam sobre as luzes amigas que eles haviam deixado em suas aldeias e sobre o fim do Turunã.

– Pode vir, Apoema – disse Eçaí ao perceber a aproximação da *mitanguarini*. – Eu já estava indo tratar as feridas de Ook Séeb.

– Eu estava apenas esperando...

– Nós voltaremos a falar – disse Eçaí a Kurumã. – Há muitos amanhãs que precisamos dividir.

Apoema se aproximou do amigo e o cobriu com um couro de lhama, uma das poucas lembranças físicas que ela havia trazido consigo de Ivituruí.

– Sobre o que vocês conversavam?

Kurumã fingiu não escutar a pergunta. Seus olhos permaneceram fixados no firmamento noturno, mirando os vagalumes de Jacamim.

– Votu está brava hoje – disse a *mitanguarini*, tentando esconder a tristeza em sua voz.

– Eu não sinto nada. Só um frio na ponta do nariz.

– Amanhã você acordará melhor.

– A sucuri me quebrou, Apoema. Eu sinto o tempo largando o meu corpo cada vez que eu respiro.

– Não diga isso. Você vai melhorar, nem que nós tenhamos que carregar você até o topo do Ibaté para que Majé Ceci te cure.

– Não existe cura sem um amanhã, Apoema.

– Não fale assim, como quem já desistiu. Você tem um *aman paba* alto e forte.



Kurumã riu. Não uma risada longa ou sarcástica, mas a risada de um homem que escuta a inocência doce de um amigo querendo evitar o inevitável.

– *Aráocema* – disse Kurumã, olhos ainda perdidos na beleza dos vagalumes estáticos no céu. – Em algum lugar do passado estão os ontens em que eu te chamava assim. Eles se repetem, assim como o nascer de Aram. – O *mitanguarini* se calou, como se uma grande compreensão tomasse conta de sua luz. – O homem está sempre em conflito com a natureza, Apoema. Até o tempo parece lutar.

Os amigos dividiram lembranças que o tempo não havia comido. Recordaram-se das inquietudes juvenis e dos desentendimentos que os conduziram até aquela amizade forte e inquebrantável.

Juntos, eles entoaram os ecos da vida.

Naquele fim de noite, quando o primeiro raio de Aram cruzou o firmamento, pintando o reino de Airequecê com as cores da alvorada, Apoema enterrou o irmão que a Ibi lhe deu e também havia lhe tirado.

Tantos amanhã roubados encheram o coração da *mitanguarini* com pesar. De agora em diante, Kurumã viveria apenas em sonhos bons.

Na distância, longe o suficiente para que o nariz e as orelhas de Eçái não percebessem sua presença, dois olhos amarelos espreitavam.

